

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA MULHERES ATENDIDAS EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO

Paulo Roxo Barja¹, Claudia Regina Lemes².

¹Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo/Grupo de Pesquisa em Estatística Aplicada (GPEA), Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos - SP, Brasil, prbarja@gmail.com.

²Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)/Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Av. Prof. Mello Moraes 1721, Cidade Universitária - 05508-030 - São Paulo - SP, Brasil, claudiareginalemes@usp.br.

Resumo

Este trabalho apresenta um plano de intervenção voltado a mulheres com baixa escolaridade, visando a conscientização quanto a competências e habilidades, bem como a orientação profissional. O plano é proposto para aplicação, potencialmente com apoio de estudantes universitários, em instituições de atendimento e acolhimento de mulheres, e tem como principal atividade a realização de dinâmicas de grupo, centradas no compartilhamento de experiências. As dinâmicas apresentadas incentivam o desenvolvimento da empatia através da troca de informações entre as participantes. Trata-se de projeto com caráter de extensão universitária, porém ainda não implementado. A proposta de intervenção amplia a dimensão do atendimento fornecido a mulheres em instituições de acolhimento. Possibilita ainda a reflexão crítica sobre processos de exclusão que atingem mulheres de baixa escolaridade, oferecendo apoio ativo para melhoria da qualidade de vida das participantes e promovendo sua capacitação para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: mercado de trabalho; escolaridade; feminismo; mulheres; psicologia social.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas; Psicologia.

Introdução

A pobreza, somada à dificuldade em se conseguir uma fonte de renda, é uma das formas de violência sofridas por muitas mulheres. Esta condição torna muitas mulheres reféns, pois a dependência financeira as impede de sair de relacionamentos abusivos, decidir sobre a própria vida e romper o círculo de violência e submissão em suas vidas. Nesta condição, há mulheres com pouca ou nenhuma escolaridade - muitas delas foram meninas repetentes. Sobre as meninas que abandonam a escola e não conseguem concluir os estudos na educação básica, Moysés e Abramovich (1997) refletem: "Consigo vê-las [...] nas esquinas, nos cruzamentos [...] com suas vassouras, seu olhar abaixado, nas tarefas domésticas [...] com cadernos escondidos, mais cheios de desenhos e de sonhos do que de letras [...] nas continuidades das histórias de suas mães: história de ruptura e que tem narrado a mesma história: a de ser mulher e pobre ou de ser pobre e mulher" (MOYSÉS; ABRAMOVICH, 1997, p.11).

No Brasil, os direitos da mulher não são verdadeiramente respeitados, pois ainda vivemos numa sociedade preconceituosa marcada pela colonização europeia patriarcal, em que a autoridade do homem era incontestável e poderia, segundo preceitos culturais, ser garantida até com o uso da violência. Este padrão sociocultural está arraigado em nossa cultura. Para Tróia (2022), relações de poder sedimentadas na cultura operam para manter a opressão sobre as mulheres com o estabelecimento de normas e obrigações: "[...] até chegarem ao ponto de cristalizar os papéis sociais fazendo com que os naturalizemos" (TROIA, 2022, p.17).

A liberdade feminina é mais tolerada que reconhecida por grande parte da sociedade; tal tolerância é mantida enquanto os direitos da mulher não entram em conflito com o universo machista (LEMES; BARJA, 2019). Os dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) revelam que cerca de 1,3 milhão de mulheres são agredidas no Brasil por ano. Trata-se de um problema que requer enfrentamento através de ações de políticas públicas (IPEA, 2019). A naturalização das violências gera na sociedade a ideia de que "as coisas são assim mesmo", não cabendo questionamento. A crítica a

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

este desenvolvimento cognitivo social é tema de estudo da psicologia. A cultura machista começa na educação ainda fora da escola: enquanto agressividade e mesmo violência física são consideradas provas de masculinidade, não é considerado masculino demonstrar emoções em público (LEMES; BARJA, 2023).

Hoje, instituições sociais que apoiam mulheres de baixa renda e com pouco estudo atendem pessoas que buscam mudança da trajetória de exclusão para condições melhores de acesso a vivências e conhecimentos. Muitas vivenciaram formas de exclusão tanto na escola como na vida, tornando-se reclusas dentro de suas próprias casas, em decorrência dos entraves (incluindo situações de violência física ou psicológica) que as impossibilitam de estudar (VIGANO, LAFFIN, 2023; LEMES, BARJA, 2023). Tanto a Educação de Jovens e Adultos (EJA, que faz parte da educação formal para quem não teve oportunidades de estudo na idade própria) como Instituições Sociais e de Educação informal oferecem a estas mulheres apoio, fortalecimento emocional e encorajamento.

Pensando nas meninas e mulheres das famílias de baixa renda, com escolaridade limitada, o presente trabalho tem por objetivos:

- i) refletir sobre os processos de exclusão vivenciados por estas mulheres;
- ii) a partir daí, apresentar uma proposta de projeto para suas vidas que evite a repetição de padrões de exclusão - uma proposta que as leve a olhar de frente para o sonho e a realidade, para dar um primeiro passo.

No que se refere ao vínculo do trabalho, trata-se de projeto de extensão, porém não vinculado especificamente a nenhuma disciplina extensionista. Quanto à natureza do trabalho, trata-se de projeto ainda não implementado; no entanto, pode-se afirmar que o presente trabalho configura um estágio inicial do andamento da proposta, que envolve ações junto à comunidade, prioritariamente através de dinâmicas comunitárias e rodas de conversa e outras atividades em instituições de atendimento e acolhimento de mulheres.

Metodologia

A partir de pesquisas estudos sobre o mercado de trabalho e a compreensão da dificuldade de colocação profissional para mulheres com baixa escolaridade, elaborou-se um plano de intervenção a ser desenvolvido em instituições de atendimento social, sobretudo aquelas voltadas ao acolhimento de mulheres vítimas de violências domésticas e/ou sociais, com o objetivo de aumento das possibilidades e das condições de inserção destas mulheres no mercado de trabalho.

A Figura 1 sumariza os objetivos e público-alvo do plano de intervenção, que prevê aplicação de teste inicial, adotando estratégias específicas para capacitar e fortalecer vítimas de violência doméstica.

Figura 1 – Objetivos e público-alvo do plano de intervenção



Fonte: os autores.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

O plano de intervenção tem como principal atividade a realização de dinâmicas de grupo, centradas no compartilhamento de experiências. A presente proposta prevê a realização dessas dinâmicas em grupos com um mínimo de cinco e um máximo de 10 mulheres atendidas. No contexto da extensão universitária, cada reunião de grupo poderá ser coordenada por dois alunos extensionistas (e/ou um aluno e um professor), assumindo o compromisso de posteriormente relatar suas experiências e resultados numa roda de conversa envolvendo toda a equipe.

Resultados

Etapas iniciais: O plano de intervenção elaborado inicia-se pelas seguintes etapas:

- i) reunião inicial com as mulheres atendidas em instituições de acolhimento, para apresentar a proposta;
- ii) solicitação de preenchimento de formulário às interessadas em participar das intervenções (dados de identificação, escolaridade, situação funcional atual);
- iii) obtenção de Termo de Consentimento Livre Esclarecido assinado pela Instituição e pelas pessoas maiores de 18 anos interessadas;
- iv) realização das intervenções, com posterior feedback para as participantes.

Desenvolvimento do plano: o plano é composto pelas seguintes etapas:

- i) Estabelecimento de ambiente seguro e acolhedor, no qual as participantes se sintam à vontade para expressar emoções, compartilhar experiências e lembrar sonhos e desejos. Nesta etapa, serão formados grupos de apoio nos quais as mulheres poderão se conectar umas com as outras, compartilhar suas histórias e encontrar apoio mútuo.
- ii) Sessões de aconselhamento psicológico individual e em grupo; as mulheres serão incentivadas a explorar suas habilidades, talentos e interesses pessoais;
- iii) Atividades terapêuticas: serão conduzidas atividades de expressão artística (escrita, canto, dança), que ajudam a resgatar a confiança nas próprias capacidades;
- iv) Capacitações: serão oferecidos workshops e treinamentos focados no desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais. As capacitações abrangem temas como liderança, comunicação assertiva, gestão financeira, negociação e resolução de conflitos, para que as participantes tornem-se mais independentes emocional e financeiramente;
- v) Avaliação contínua, para acompanhar o progresso das participantes. Serão realizadas periodicamente entrevistas individuais e grupos de discussão para identificar demandas e ajustar as abordagens e atividades conforme necessário, valorizando-se o feedback das participantes.

Intervenções: serão realizadas reuniões semanais com rodas de conversas e aplicação de dinâmicas por um período de dois meses, seguido de avaliação compartilhada. A seguir, detalha-se algumas das dinâmicas propostas.

Primeira dinâmica: Lembrança da Infância

Esta dinâmica visa proporcionar um momento de reflexão e resgate de memórias positivas da infância, promovendo bem-estar emocional e estimulando o compartilhamento de experiências. Os materiais necessários são papel e caneta ou lápis.

Inicia-se a dinâmica explicando que o objetivo é lembrar momentos especiais da infância e compartilhar as lembranças entre os participantes. Pede-se para cada participante fechar os olhos e se concentrar nas memórias da infância. Incentiva-se os participantes a resgatar lembranças felizes e significativas, como brincadeiras, viagens, encontros e descobertas, entre outros.

Em seguida, distribui-se papel e caneta ou lápis às participantes, pedindo para que escrevam lembranças da infância que considerem especiais; podem descrever brevemente o momento, destacando as emoções e sensações vivenciadas. Após o momento da escrita, os participantes são convidados a compartilhar suas lembranças, podendo ler em voz alta o que escreveram, enquanto os demais ouvem atentamente. Propõe-se a seguir o debate em grupo, incentivando-se perguntas, comentários e conexões entre as experiências. Possíveis questionamentos: Quais foram os aspectos positivos dessa lembrança? O que aprendemos com ela? Como resgatar os sentimentos de alegria e bem-estar na vida adulta?

Na conclusão, enfatiza-se a importância de resgatar as memórias positivas da infância como uma forma de fortalecer a saúde emocional, incentivando os participantes a se apropriarem dessas experiências como fonte de inspiração e motivação em suas vidas.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Segunda dinâmica: Autoconhecimento e Empoderamento para Mulheres

Esta dinâmica tem por objetivo promover o autoconhecimento, fortalecer a autoestima e empoderar mulheres vítimas de violência doméstica, visando sua recuperação e desenvolvimento pessoal. Os materiais necessários são papel e caneta ou lápis.

A dinâmica inicia-se com a apresentação do objetivo, ressaltando-se a importância do autoconhecimento como ferramenta para o empoderamento pessoal. Forma-se um círculo com as participantes; cada uma é convidada a se apresentar, compartilhando seus nomes e um sentimento ou palavra que as representa no momento. Distribui-se então papel e caneta ou lápis às participantes, pedindo que reflitam sobre suas habilidades, qualidades e pontos fortes; devem ser incentivadas a anotar pelo menos três características positivas que reconheçam em si mesmas (exemplos: determinação, resiliência, criatividade, empatia, coragem, entre outras). Após a realização da etapa de registro das características, as participantes são convidadas a compartilhar com o grupo suas escolhas, explicando como estas características foram importantes em sua jornada de superação.

Após o compartilhamento, pede-se a cada participante que escreva uma carta para si mesma, como uma mensagem de apoio e gratidão, um lembrete de sua força e valor pessoal. A seguir, convida-se as participantes para o compartilhamento das cartas através de leitura em voz alta, para aquelas que se sentirem confortáveis com isso.

A finalização proposta é uma reflexão em grupo, com debate sobre o aprendizado mútuo ao longo do processo. Destaca-se a importância do autoconhecimento e do amor próprio na reconstrução da vida, ressaltando que o processo de recuperação e empoderamento é único para cada pessoa.

Terceira dinâmica: Capacitação Profissional para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica

Visa capacitar e fortalecer as habilidades profissionais de vítimas de violência doméstica, para sua reintegração ao mercado de trabalho. Propõe-se o uso de papel, canetas e/ou lápis, folhas em branco e, opcionalmente, recursos audiovisuais (computador com sistema de projeção acoplado).

Inicia-se apresentando o objetivo: promover a capacitação profissional das mulheres presentes, visando sua integração no mercado de trabalho. Distribui-se papel e caneta ou lápis para cada participante, pedindo que reflitam sobre suas habilidades, experiências e interesses profissionais. Podem então registrar no papel as áreas de trabalho que mais despertam seu interesse e nas quais consideram ter facilidade e/ou experiência. A seguir, efetua-se em grupo o compartilhamento das áreas de interesse e habilidades identificadas; é importante, nesta etapa, criar um ambiente de apoio mútuo, em que as participantes possam se encorajar e oferecer sugestões e insights umas às outras, com troca de ideias e experiências.

Após o compartilhamento, explica-se a importância de um planejamento de carreira como apoio para que as mulheres alcancem seus objetivos profissionais. Em seguida, orienta-se cada participante a esboçar numa folha seu projeto de trabalho, incluindo metas a curto, médio e longo prazo, se possível especificando os passos necessários para alcançá-las e os prazos estimados para isso. Uma segunda etapa de orientação inclui uma fala sobre o desenvolvimento de habilidades específicas, marketing pessoal e elaboração de currículo, entre outros tópicos; a partir disso, propõe-se que escrevam ou apresentem oralmente possíveis tópicos para seus currículos, com base nas experiências e habilidades identificadas anteriormente.

Na etapa final, sugere-se reservar um tempo para que as mulheres compartilhem seus currículos e recebam feedback e/ou orientações individuais; enfatiza-se no encerramento a importância do desenvolvimento contínuo (também) na esfera profissional.

Ao longo do projeto e em todas as dinâmicas apresentadas, o progresso das participantes será acompanhado presencialmente, com avaliações contínuas por parte da equipe e eventuais ajustes nas abordagens propostas. Tais ajustes poderão ser definidos nas reuniões de compartilhamento da equipe de trabalho.

Discussão

Iniciamos a discussão contextualizando a relação entre mulheres e trabalho; em seguida, apresentamos a importância estratégica da capacitação para o mercado e da escolha profissional por parte de mulheres em situação de vulnerabilidade. Por fim, discutimos a proposta de intervenção especificamente apresentada no trabalho.

Mulheres e Trabalho: sabe-se que as leis de proteção ao trabalho, principalmente as voltadas à força de trabalho feminina, como licença maternidade, contribuíram para salvaguardar o emprego das

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

mulheres (BRUSCHINI, 1998; RIOS-NETO; WAJNMAN, 1997). Estudo realizado em 39 países de baixa renda revela que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho entre 1990 e 2010 ocorreu paralelamente à melhoria nos níveis de produção (ARAÚJO; SCALON, 2005). Embora mulheres mais pobres e com baixa escolaridade tenham menor participação no mercado formal de trabalho, esta camada social apresentou o crescimento mais acentuado na participação. No entanto, ainda hoje é alto o desemprego entre mulheres de baixa renda, atingindo uma em cada cinco mulheres pobres que desejam e precisam trabalhar, segundo Araújo e Scalón (2005), que afirmam: “[...] as mulheres continuam sendo discriminadas e ganham menos. Cerca de um terço das famílias brasileiras é chefiada por mulheres e ainda persistem índices gritantes de miséria e pobreza” (ARAÚJO; SCALON, 2005, p.101).

Escolha profissional para mulheres das classes populares: a opressão e a violência vivenciada cotidianamente fazem com que muitas mulheres nestas condições fiquem à margem da oportunidade de fazer escolhas. No Brasil, a democratização da educação para as mulheres e o acesso a instituições sociais só foi viabilizado tardiamente em relação a outros países e, muitas vezes, tal processo de inclusão privilegiou pessoas de maior poder aquisitivo e do meio urbano. Para as mais pobres e/ou do campo, restou o trabalho do lar ou outros que se apresentassem como complemento à renda familiar (VIGANO, LAFFIN, 2023). A capacitação profissional é de fundamental importância neste contexto, para abrir alternativas a estas mulheres.

A escolha consciente e a gestão da carreira profissional são responsabilidades pessoais, intransferíveis. Assim, ao longo da formação busca-se desenvolver competências e habilidades adequadas para um mercado cada vez mais exigente. Pelo trabalho é possível criar e transformar sua própria realidade. O trabalho gera renda e auxilia na construção da identidade social.

Proposta de intervenção: a presente proposta enfatiza a realização de atividades em grupo. Aqui, pensamos “grupo” como um conjunto de “duas ou mais pessoas que interagem e se influenciam mutuamente” (MYERS, 2014, p.217). As dinâmicas apresentadas incentivam o desenvolvimento da empatia através da troca de informações, o que ajuda a constituir a identificação do grupo e o exercício de *networking*, no sentido de constituição de uma rede mútua de apoio. O tamanho de cada grupo de trabalho (de cinco a 10 pessoas, conforme Metodologia) foi definido a partir de análise apresentada por Myers (2014), segundo a qual o esforço participativo diminui à medida que aumenta o tamanho do grupo.

Conclusão

A proposta de intervenção aqui apresentada permite ampliar a dimensão do atendimento fornecido a mulheres em situação de vulnerabilidade atendidas em instituições de acolhimento. Possibilita ainda uma reflexão crítica sobre os processos de exclusão que atingem mulheres de baixa escolaridade, oferecendo apoio ativo para melhoria da qualidade de vida das participantes, estimulando o autoconhecimento e promovendo capacitação para o mercado de trabalho. A adoção de dinâmicas de grupo ajuda a estabelecer empatia e sensação de pertencimento, contribuindo para o empoderamento feminino e a conscientização das participantes sobre a importância de enfrentar a sobrecarga de papéis e a violência contra as mulheres. Maior autoestima e capacitação potencializam a inserção destas mulheres no mercado de trabalho, direcionando-as para a independência econômica. Por fim, no contexto da extensão universitária, vislumbra-se diferentes dimensões de aproveitamento por parte dos extensionistas envolvidos: i) conhecimento da realidade social de seu entorno; ii) desenvolvimento de visão crítica, tanto em relação à realidade social quanto ao próprio desenvolvimento da atividade de extensão; iii) atuação de caráter social e potencialmente transformadora da realidade local.

Referências

ABRAMOWICZ, A. **A menina repetente**. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333040144_Genero_familia_e_trabalho_no_Brasil. Acesso em: 13 ago. 2023.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

BRUSCHINI, M.C.A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.537-572, 2007.

BRUSCHINI, M.C.A. Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período de 1985-1995. **Textos FCC**, v.1, n.17, p.3-78. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

CAICEDO-ROA, M.; CORDEIRO, R.C. Análise de casos de feminicídio em Campinas, SP, Brasil, entre 2018 e 2019 por meio do modelo ecológico da violência. **Ciênc Saúde Coletiva**, v.28, n.1, p.23-36, Jan/2023. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1413-81232023281.09612022>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CARVALHO, J.R.; OLIVEIRA, V.H. PCSVDF mulher: pesquisa de condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher. **Relatório I - Primeira Onda**. Fortaleza: UFC/IMP, 2016. Disponível em: <http://twixar.me/yrqK>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CARVALHO, J.R.; OLIVEIRA, V.H. PCSVDF mulher: pesquisa de condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher. Violência doméstica e seu impacto no mercado de trabalho e na produtividade das mulheres. **Relatório II - Segunda Onda**. Fortaleza: UFC/IMP, 2017a. Disponível em: <http://twixar.me/yrqK>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CERQUEIRA, D. MOURA, R. PASINATO, W. Participação no Mercado de Trabalho e Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil. In: **IPEA - Texto para discussão 2501**. RJ, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9705-td2501.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2023.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência – IPEA e FBSP** (Nota Técnica, n. 17). Brasília: IPEA, 2016.

LEMES, C.R.L.; BARJA, P.R. A construção midiática das vítimas de Feminicídio no Brasil: assassinatos de mulheres cometidos por seus parceiros e ex-parceiros. In: Ferreira Neto, Thaís Helena. (Org.). **Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências 2**. Ponta Grossa (PR): Antonella C. de Oliveira, 2019, v.2, p.20-30. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330302842_A_CONSTRUCAO_MIDIATICA_DAS_VITIMAS_DE_FEMINICIDIO_NO_BRASIL_ASSASSINATOS_DE_MULHERES_COMETIDOS_POR_SEUS_PARCEIROS_E_EX-PARCEIROS. Acesso em: 13 ago. 2023.

LEMES, C.R.L.; BARJA, P.R.; MAIA, D.F.O. Violência Doméstica contra a mulher no Brasil: antes e durante a pandemia (2018-230). In: HUGILL et al. (Orgs). **Estudos e práticas sobre os impactos da pandemia covid-19 na vida das mulheres e as relações de gênero**. Col. Sistema de Justiça, Gênero e Diversidades, v.3, p.218-230. Universidade Federal de Santa Catarina. Tribunal de Justiça de Santa Catarina, 2023. Disponível em: https://www.tjsc.jus.br/documents/715064/0/Volume+3_Completo_2023.pdf/959036f3-4f09-57ec-c12d-09c96a46d451?t=1679091616252. Acesso em: 12 ago. 2023.

MATOS, M. A Democracia Não Deveria Parar Na Porta De Casa: criação de índices de tradicionalismo e destradicionalização no Brasil. (89-122). In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. (org). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

MOMM, S.; TERRA, M.F.; TRAVASSOS, L.; CHAVES, I.M.S.; FERNANDES, B.S. Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. **URBE - Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.15, e20210384, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20210384>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MYERS, D.G. **Psicologia Social**. 10.ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

RIOS-NETO, E.; WAJNMAN, S. Participação feminina na população economicamente ativa no Brasil: alternativas para projeções de níveis e padrões. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v.24, n.2, p.203-234, ago. 1994. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3492/3/PPE_v24_n02_Participacao.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.

VIGANO, S.M.M; LAFFIN, M.H.L.F. Violências Físicas E Simbólicas Em Mulheres Da EIA: “Quanta tristeza que sinto ao pensar que toda vez que falava em ir à escola, eu apanhava”. In: HUGILL *et al.* (Orgs). **Estudos e práticas sobre aspectos socioculturais das violências contra as mulheres**. Col. Sistema de Justiça, Gênero e Diversidades, v.4, p.36-51. Universidade Federal de Santa Catarina. Tribunal de Justiça de Santa Catarina, 2023. Disponível em: https://www.tjsc.jus.br/documents/715064/0/Volume+4_Completo_2023.pdf/0af635ce-bd45-4d63-f57d-d74ec06e02d8?t=1679091634548. Acesso em: 12 ago. 2023.